



**PUC-Rio**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

**A CIDADE E O LETRADO  
A MONUMENTALIZAÇÃO  
DE CÂMARA CASCUDO EM NATAL**

Relatório de Bolsa de Iniciação Científica FAPERJ

Bolsista: Cristiane Silva Furtado

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Margarida de Souza Neves

Departamento de História

Junho de 2004

# **CAPÍTULO I**

## **A CIDADE, A MEMÓRIA E O ESCRITOR- MONUMENTO**

*“Existem no Rio Grande do Norte dois grandes monumentos históricos, esta Fortaleza dos Reis Magos (...) e, Luis da Câmara Cascudo nosso Grande mestre, monumento vivo, telúrico, que a cidade toda venera e essa veneração chega a ponto de seu nome estar tanto no terreiro de umbanda, quanto no museu de antropologia da universidade. É placa da rua onde nasceu, e está até na entrada da cidade num painel bem grande: ‘Esta é a cidade de Luis da Câmara Cascudo’.”<sup>1</sup>*

É impossível andar pelas ruas da cidade de Natal sem sentir a presença de Luis da Câmara Cascudo evocada por toda parte. A cidade está marcada por seu nome, suas memórias, e por aquilo que David Lowenthal chama de *relíquias* e identifica como um terceiro caminho para percorrer esse *país estrangeiro* que é o passado, ao lado da história e da memória<sup>2</sup>. Suas *relíquias*, no denso sentido atribuído por Lowenthal que assim denomina as sobrevivências materiais de um tempo pretérito, descontextualizadas já que o mundo que lhes dava sentido não existe mais, estão por toda parte: em sua casa transformada em lugar de visita turística, no Memorial feito em sua homenagem, nas várias *cidadelas letradas*<sup>3</sup> em que exerceu seu papel de intelectual da cidade, na Universidade, no Museu que leva seu nome, na Biblioteca Municipal, nas placas com dizeres seus, parecem estar por toda parte.

---

<sup>1</sup> - Depoimento de Carlos Lyra IN: Produção de Zita Bressane *Depoimento. Ttv cultura. Cascudo*. .Secretaria de Cultura,Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo.1978. VideoCassete: VHS.NTSC, som,cor TV Cultura.

Depoimento de Carlos Lyra IN *Depoimento. TV Cultura. Cascudo*. Produção de Zita Bressane . .Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1978. Video:VHS.NTSC, som, cor. TV Cultura..

<sup>2</sup> - David Lowenthal. “How we know the past” IN *The past is a foreign country*. Cambridge: The Cambridge University Press, 1985. Existe tradução brasileira desse capítulo no número 17 da Revista *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, novembro de 1998

<sup>3</sup> - Para o conceito de *cidade letrada*, cf. Angel RAMA. *A cidade das Letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.



**Casa onde morou Luís da Câmara Cascudo na  
Avenida que hoje leva seu nome.  
- Natal – RN<sup>4</sup>**

Cascudo está presente em Natal como um monumento vivo, dinâmico, que não passa despercebido aos olhos de nenhum visitante. Seu nome encontra-se por todos os recantos da cidade, imprimindo à cidade a marca de sua presença.

Luís da Câmara Cascudo é o nome, da Biblioteca Municipal, do Museu de Antropologia da cidade; da rua onde viveu; do Memorial situado no centro da cidade velha; de uma livraria; já foi nome de um sebo, o simpático *Cascudinho* que ficava atrás do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e já não existe; e, recentemente, tornou-se nome de uma Universidade particular cuja

---

<sup>4</sup> - As fotografias coloridas que integram esse trabalho foram feitas pela coordenadora do Projeto Integrado de Pesquisa no qual essa bolsa de Iniciação Científica se inscreve, a professora Margarida de Souza Neves, durante os três estágios de pesquisa da equipe em Natal. As fotos em branco e preto estão retiradas do site [www.modernosdescobrimientos.inf.br](http://www.modernosdescobrimientos.inf.br), que recolhe os resultados da pesquisa da equipe, onde foram utilizadas com autorização da família de Câmara Cascudo.

campanha publicitária de lançamento sublinhava o argumento de autoridade e o peso de seu titular: “Agora Natal têm uma faculdade de nome”<sup>5</sup>.



**Faculdade Câmara Cascudo em Ponta Negra  
– Natal – RN –**

É nítido para qualquer visitante que conheça ou desconheça a obra de Luis da Câmara Cascudo a importância dada a esse nome pela cidade de Natal. A curiosidade de quem está conhecendo a cidade é ainda aguçada por monumentos que o homenageiam, como a estátua em bronze situada na frente do Memorial Luis da Câmara Cascudo, erguida em 1987 em pleno centro histórico de Natal ou a *Pedra do Rosário*, lugar dos mais belos crepúsculos da cidade e onde se erigiu, à beira do Potengi, um altar a Nossa Senhora do Rosário, pois conta a lenda que a Santa, milagrosamente, apareceu dentro de uma caixa com os dizeres “*Onde essa santa parar nenhuma desgraça acontecerá*”<sup>6</sup>. A caixa com a imagem foi encontrada entre as pedras da margem direita do rio em 21 de novembro de 1753. Hoje, a Mãe de Deus abençoa a entrada e saída dos barcos que aportam no

---

<sup>5</sup> - Essa informação foi obtida em entrevista concedida pelo Diretor Geral da Faculdade Câmara Cascudo, Prof: Nilo Garcia Junior, em 15 de dezembro de 2003, por ocasião de estágio de pesquisa em Natal.

<sup>6</sup> - APUD Maria de Fátima MEDEIROS. *Natal. Patrimônio histórico e cultural*. Natal: Medeiros e Fuly Editora, 1999. P. 44.

Potengi, e, no pedestal que a eleva sobre as águas do rio, uma placa com dizeres de Cascudo confere legitimidade ao monumento.

Cascudo é, ele mesmo, monumento natalense. Prova disso é o Memorial que leva seu nome, onde estão expostos documentos sobre sua vida e obra; objetos pessoais tais como a máquina em que escreveu seus míticos mais de 160 livros; o pijama de seda com que recebia as visitas; seus óculos, charuto e chapéu – marcas registradas de sua identidade - e onde se abriga o maior tesouro do mestre potiguar, sua biblioteca, ou como ele costumava carinhosamente chamá-la, sua Babilônia<sup>7</sup>. Na praça pública, em frente à porta principal do Memorial encontra-se um monumento forjado em bronze. Lá está Luis da Câmara Cascudo em tamanho natural, desta vez bronzificado por sua cidade.



**Memorial Câmara Cascudo, na praça principal da cidade  
- Natal – RN –**

---

<sup>7</sup> - Cf. Carlos LYRA. “*Cascudo e sua Biblioteca*” IN *Luis da Câmara Cascudo. Depoimentos*. Natal: EDUFRN, 1999. pp. 59 a 65. Entrevista concedida por Cascudo ao autor em 06 de dezembro de 1974.

A casa onde viveu tornou-se patrimônio da cidade e permanece como quando ali vivia o professor. E, ainda hoje, é lugar de peregrinação de todos os visitantes da cidade, como em outras épocas, quando Cascudo viva, era lugar de peregrinação de intelectuais, artistas, autoridades públicas, estudantes e mortais anônimos que queriam conhecer o *mestre*, já em vida monumento vivo da cidade.



**Beiral da entrada da casa onde morou**

**Luis da Câmara Cascudo.**

**Natal – RN –**

Não há como negar a relação íntima existente entre Câmara Cascudo e a cidade em que viveu e, quem visita Natal pode sentir-se convidado a ocupar o papel de espectador, pois, aos olhos de um observador atento, a cidade de Natal torna-se o palco onde se encena a memória viva de Luis da Câmara Cascudo.

Por toda parte é possível ver, ler e sentir Luis da Câmara Cascudo, e todos os natalenses têm uma história para contar sobre o principal intelectual da cidade, porém, o que desperta uma imensa curiosidade ao visitante-espectador é o fato da memória do mestre potiguar ser evocada não apenas de forma direta através de homenagens monumentais como o Memorial, o monumento em bronze, a casa onde viveu, as muitas placas de bronze que levam seu nome ou por todas as

referências comerciais que buscam, nele, a legitimidade, mas, por encontrarmos em todos os ambientes intelectuais de Natal a presença de Cascudo.

No Centro Histórico de Natal, onde se localiza o Palácio Potengi, sede do governo, a Prefeitura, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e, o próprio Memorial Luis da Câmara Cascudo, todos esses espaços estão ocupados pela presença de sua memória. Há placas, retratos, condecorações, homenagens que evocam por todos os caminhos da cidade a presença de Cascudo. A cidade de Natal, cenário de sua história e tema de seus estudos, está marcada pela trajetória e pela presença simbólica do mestre Potiguar e, nela, a vida e a obra de Cascudo aprofundam suas raízes .

Câmara Cascudo foi professor do Atheneu Norte-riograndense, um dos colégios mais tradicionais de Natal, no qual estudou quando jovem.

*“Foi professor da escola Normal e do Instituto de Música, consultor jurídico do Estado, professor da cadeira de Direito internacional Público da UFRN. É o fundador da Academia Norte-riograndense de Letras e um dos idealizadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte”<sup>8</sup>.*

Foi também, e por cinquenta anos, cronista diário da cidade nas páginas de seus jornais. Sua imagem está sempre associada à do fundador, patrono, homenageado, evidenciando sua proeminência na cidade e em todas as cidadelas letradas que nela lançam seus alicerces.<sup>9</sup>

A memória de Cascudo transcende o cenário letrado de sua cidade e se espalha por outros espaços de sociabilidade, como o bairro da Ribeira, onde vivem os mais pobres da sociedade Natalense.

---

<sup>8</sup> - Daliana Cascudo Roberti LEITE. *“Biografia”* IN *Memorial Câmara Cascudo*. Natal: Fundação José Augusto, s.d. p. 7.

<sup>9</sup> - Cf. Angel RAMA, Op. Cit. .

A Ribeira separa-se do Centro histórico da cidade por uma grande ladeira que desce até o famoso bairro boêmio. Essa ladeira divide a cidade de Natal em duas partes, a Cidade Alta e a Cidade Baixa, os ricos e os pobres, os letrados e os não letrados. Exatamente no meio da ladeira da antiga rua Junqueira Aires, hoje Avenida Câmara Cascudo, como um traço de união entre as duas cidades, está a casa em que viveu Câmara Cascudo boa parte de sua vida de intelectual reconhecido e reverenciado.

Em um depoimento de Veríssimo de Mello, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é possível captar a relação de Cascudo com o bairro da Ribeira.

*“Quase todo o dia, às duas da tarde ele saía de casa, de paletó, gravata, chapéu e charutão no bico, sozinho em direção à ribeira... certo dia eu o segui... (Cascudo) entrou em um barzinho vagabundo... estava sentado na cabeceira de uma mesa ao lado de uma garçonete e do outro estava um motorista da praça, todos os três tomando cerveja. Eu disse: ‘Mestre você está fazendo o quê?’ Ele disse: ‘Não está vendo meu filho, estudando costumes.’”<sup>10</sup>*

A Ribeira foi palco da convivência e da sociabilidade de Cascudo com tipos populares que inspiraram muitos de seus trabalhos etnográficos. Boêmio confesso, é parte da memória do bairro por muitas noitadas vividas ao lado de gente simples do povo.

Cascudo circula, assim, pelos dois universos sociais e culturais que conformam a cidade de Natal: o mundo letrado da Cidade Alta dos xarias – denominação local da boa sociedade – e o universo popular dos *canguleiros* essa é a denominação dada aos pobres da Ribeira. É parte da elite local e figura mais proeminente das letras natalenses e, ao mesmo tempo, penetra, através da

---

<sup>10</sup> - Depoimento de Veríssimo de Mello IN: Produção de Zita Bressane *Depoiment. TV Cultura. Cascudo*. .Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo.1978. VideoCassete: VHS.NTSC, som,cor. TV Cultura.

*convivência* – um dos pilares de seu método de trabalho, que consiste na presença constante e atenta do pesquisador junto a seu objeto de trabalho, o povo, que para ele é o detentor da tradição<sup>11</sup> - no universo popular e, portanto, na memória da cidade não letrada, tornando-se o ponto de confluência entre as duas cidades. Ao traduzir os costumes, a cultura e as tradições do povo para a letra, ele se torna a ligação entre as duas cidades, o elo entre o povo e o mundo erudito, “o meio da ladeira”, tal como sua casa, mediação entre o espaço dos xarias e o dos canguleiros da Ribeira, tal como observou com acuidade uma das pesquisadoras da equipe na qual se insere esse trabalho.<sup>12</sup>

Por ser o tradutor dos hábitos e costumes do povo, Cascudo constrói uma identidade para cidade que inclui, ainda que de forma subordinada, esses agentes sociais. Os casebres antigos e simples do bairro, as ruas estreitas e sua gente humilde, seus ditos<sup>13</sup>, gestos<sup>14</sup>, contos<sup>15</sup> e festas<sup>16</sup> são conhecidos em todo o país através do olhar de Cascudo, pois estão registrados nas páginas de seus livros e artigos como figuras tipo do universo potiguar, nordestino e brasileiro.

---

<sup>11</sup> - Cascudo publica em 1972 um livro cujo título é, justamente, *Tradição: ciência do povo*. (São Paulo: Perspectiva. Sobre suas teses nesse volume, cf. Margarida de Souza NEVES. *Tradição, ciência do povo*. IN Marcos SILVA (org). Dicionário crítico Câmara Cascudo. São Paulo: Perspectiva/FAPESP/UFRN/Fundação José Augusto, 2003. pp. 280 a 286.

<sup>12</sup> Luiza Larangeira da Silva MELLO. *O gorila, o homem e o robô. A tensão entre tradição e progresso na obra Luis da Câmara Cascudo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio-Departamento de História, 2002. (Monografia de bacharelado e licenciatura, mimeo) p.38. A monografia pode ser consultada na íntegra em [www.modernosdescobrimentos.inf.br](http://www.modernosdescobrimentos.inf.br).

<sup>13</sup> - Luis da Câmara CASCUDO. *Locuções tradicionais no Brasil. Coisas que o povo diz*. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia/Edusp, 1986.

<sup>14</sup> - IDEM. *História dos nossos gestos*. Belo Horizonte / São Paulo, Editora Itatiaia / EDUSP, 1987.

<sup>15</sup> - IDEM. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte / São Paulo, Editora Itatiaia / EDUSP, 1986.

<sup>16</sup> - IDEM. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Martins Fontes, 1965. (3ª edição) e *Dicionário do Folclore Brasileiro*. . Belo Horizonte / São Paulo, Editora Itatiaia / EDUSP, 1988. Existem edições recentes das duas obras pela Editora Global (São Paulo).



**Participantes de folguedo popular visitam Câmara Cascudo e são recebidos no alpendre de sua casa, na então Avenida Junqueira Aires**

**– Natal – RN –**

A matéria prima fornecida pelos relatos dessas cozinheiras, tecelãs de redes, parteiras, rezadeiras e contadoras de histórias; desses pescadores, feirantes, vendedores de rua, festeiros e cantadores transformou-se na substância de seus estudos, e constitui-se em um dos elementos de sua legitimidade e originalidade. Sua produção intelectual, seu reconhecimento no país e no exterior, mas também sua intimidade com o povo simples e sua inabalável decisão de não abandonar sua terra para fazer carreira no sudeste, tomando como título de glória o ser “provinciano incurável”<sup>17</sup>, comentário um dia feito sobre ele por Afrânio Peixoto, garantem a Câmara Cascudo um lugar de destaque na memória e no coração da população da cidade de Natal.

A presença de Cascudo no bairro pode ser vista em um lugar turístico, a pedra do rosário, localizada na beira do rio Potengi e conhecida por ter a vista do pôr-do-sol mais bonito da cidade, a placa de bronze que identifica o monumento, traz gravada uma frase de Cascudo e sua assinatura legítima e sublinha a importância do lugar, inaugurado em 21 de novembro de 1953:

---

<sup>17</sup> - cf. Diógenes da Cunha LIMA. Câmara Cascudo. Um brasileiro feliz. Rio de Janeiro: Lidador, 1998. cf. também Mariana Giardini Beti, *As águas vivas da memória. A memorialística de Luís da Câmara Cascudo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio - Departamento de História, 2004. (Monografia de bacharelado e licenciatura, mimeo). A monografia pode ser consultada na íntegra em [www.modernosdescobrimientos.inf.br](http://www.modernosdescobrimientos.inf.br).

*“Aqui deixo o grito de alerta,  
alerta de canguleiro,  
devoto da Santa Padroeira”*

*Luís da Câmara Cascudo  
Historiador da Cidade*

Cascudo está monumentalizado em todos os espaços de Natal. As homenagens prestadas e títulos concedidos pela cidade a Luis da Câmara Cascudo engrandecem sua figura humana e profissional, unanimemente considerada como expressão máxima do universo letrado da cidade. O título de Historiador da Cidade de Natal concedido a Cascudo pelo prefeito Sylvio Piza Pedroza em 25 de Dezembro de 1948<sup>18</sup>, demonstra seu reconhecimento como intérprete da cidade.

Cascudo é muitas vezes apresentado como o homem que mais amou e trabalhou por Natal, e, na placa que seus amigos inauguraram em 1968 e até hoje se encontra junto à porta de entrada de sua casa, é possível ler

*“Aqui, Luis da Câmara Cascudo serve ao Rio Grande do Norte pelo trabalho mais nobre e mais constante que o Estado já conheceu. Homenagem do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, Natal 27-03-1966”.*<sup>19</sup>

A projeção conquistada por Cascudo em todo o Brasil sublinha a identificação entre a cidade e o intelectual. Em 1975, o jornal *Correio Braziliense* publica uma nota significativa : *“Dizem que as grandes presenças de Natal, são: O Rio Potengi, o Forte dos Reis Magos e Luís da Câmara Cascudo.”*<sup>20</sup>, antecipando assim o depoimento de um de seus admiradores no *trecho que serve de epígrafe a esse trabalho.*

---

<sup>18</sup> - APUD Anna Maria Cascudo BARRETO. *O Colecionador de Crepúsculos: Fotobiografia de Luiz da Câmara Cascudo*. Brasília: s.e., 2003. p.219.

<sup>19</sup> - Gildson OLIVEIRA. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica,1999. p. 98.

<sup>20</sup> - *Correio Braziliense*. Brasília – DF: 26 de Outubro de 1975.

Trata-se de um caso de amor correspondido. Também Cascudo parece ver-se a si mesmo no espelho da cidade em que nasceu, viveu e morreu. Por isso faz de Natal objeto privilegiado de seus estudos, pesquisas e escritos ao longo de toda vida<sup>21</sup>. Por isso também assina algumas de suas cartas como *Luís Nata*<sup>22</sup>.

Conforme observa uma das pesquisadoras da equipe do Projeto Integrado de Pesquisa *O encantamento do passado: Luís da Câmara Cascudo Historiador*,

*“A cidade assim como o Estado tornaram-se mais que parte de sua vida, e a sua vida se tornou, muitas vezes, um sinônimo e uma expressão do estado do Rio Grande do Norte.”*<sup>23</sup>

Luis da Câmara Cascudo fez de sua obra um monumento à cidade de Natal e a cidade, por sua vez, monumentaliza o escritor. Analisar esse duplo processo de monumentalização é uma excelente ocasião para aprofundar a tessitura daquilo que Michael Caudem chamou de *“os laços místicos da memória”*<sup>24</sup>. É também, certamente, uma forma de melhor conhecer Câmara Cascudo através dos olhos de sua cidade, e, neles, descobrir refletida a figura que o escritor potiguar quis deixar de si mesmo para a posteridade.

---

<sup>21</sup> - cf., por exemplo, Luís da Câmara CASCUDO. *História da cidade de Natal*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/Prefeitura da cidade de Natal, 1999. (3ª edição) e *Os nomes da terra*. Natal: Sebo Vermelho, [2002].

<sup>22</sup> - cf, por exemplo, a carta manuscrita de Luis da Câmara CASCUDO endereçada a [verificar](#) e conservada no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

<sup>23</sup> - Tatiana Moreira Campos PAIVA. *Luis da Câmara Cascudo: Um historiador Clássico?* Rio de Janeiro: PUC-Rio - Departamento de História, 2003. ( Monografia de Bacharelado e Licenciatura, mimeo) p. 10. A monografia pode ser consultada na íntegra em [www.modernosdescobrimientos.inf.br](http://www.modernosdescobrimientos.inf.br).

<sup>24</sup> - Michael KAMMEN. *Mystic cords of memory. The transformation of tradition in American culture*. New York: Vintage Books, 1993.

## **CAPÍTULO II**

### **O MEMORIAL: CÂMARA CASCU DO EM PRAÇA PÚBLICA**

Idealizado logo após a morte de Luis da Câmara Cascudo em 1986, por iniciativa da Fundação José Augusto, órgão pertencente ao Governo do Estado, o Memorial é a maior homenagem concedida pela cidade ao intelectual<sup>25</sup>. É também o mais eloqüente dos monumentos a Cascudo em sua cidade Natal.

Em artigo bem conhecido dos historiadores de ofício, Jacques Le Goff assinala que

*“A memória coletiva e sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos”*<sup>26</sup>

O medievalista francês sublinha nesse mesmo artigo que, mesmo sabedores que o século XIX fez triunfar o *documento* – em geral escrito – sobre o monumento, os historiadores percebem cada dia com mais clareza, a partir dos trabalhos inovadores da *École des Annales* e da historiografia contemporânea, que os *monumentos* de todos os tipos são representações preciosas para a história. Não sem razão Lucien Febvre já observava em 1949:

*“Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de ajuda mútua que supre a ausência do documento escrito?”*<sup>27</sup>

É verdade que, no caso de Câmara Cascudo, seria absolutamente improcedente sugerir a ausência de *documento escrito* para o trabalho dos historiadores. Sua avassaladora produção de escritor, sua vastíssima

---

<sup>25</sup> - Essa informação foi obtida em entrevista concedida pelo idealizador do projeto do Memorial, o jornalista potiguar Paulo Macedo em 09/01/2004, por ocasião de estágio de pesquisa em Natal.

<sup>26</sup> - Jacques LE GOFF. *Documento/Monumento*. IN *Memória – História*. Enciclopédia Einaudi – volume 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 95.

<sup>27</sup> - Lucien FEBVRE: “*Vers une autre histoire*.” IN *Combats pour l’Histoire*. Paris: Armand Colin, 1953. p. 428.

correspondência, as entrevistas que deu, seus textos em jornais publicados pelo Brasil a fora, a marginalia riquíssima dos livros de sua biblioteca, a crescente produção sobre sua vida e obra, e toda uma plêiade de documentos escritos, fotografias, registros sonoros, filmes e vídeos apresentam, aos que se debruçam sobre sua vida e obra, uma documentação escrita, iconográfica e sonora sempre inabarcável.

No entanto, *as coisas mudas* de que fala Febvre são, por vezes, mais eloqüentes que os textos escritos. Ao contrário destes, elas dizem, em seu silêncio perene, mais do que seus autores e idealizadores gostariam de dizer. Entre elas, os monumentos em bronze ou em pedra e cal que se espalham pelas cidades tem uma particular relevância, por constituírem-se em pistas reveladoras dos nexos, nem sempre explícitos, entre a memória e o território, duplo solo em que se assentam as cidades, como já observou Maria Stella Bresciani..<sup>28</sup>

É esse o caso do conjunto monumental formado pelo Memorial Câmara Cascudo e pelo monumento a Luís da Câmara Cascudo no coração do centro histórico de Natal.

Localizado na principal Praça Histórica da cidade é ponto certo dos ônibus de turismo que levam os visitantes para conhecer as atrações históricas e culturais da cidade. Todos os visitantes que são levados para percorrer o Forte dos Reis Magos, marco fundacional da cidade situado na embocadura do Potengi; o Centro de Turismo no antigo presídio da cidade, onde se abriga o principal mercado de artesanato; a linda Igreja do Galo e a antiga Catedral natalense, conhecem também a grande homenagem da cidade a seu filho mais ilustre e, levam como testemunho de que estiveram em um dos cartões postais da cidade, fotos em frente ao prédio do Memorial e junto ao Monumento em bronze.

---

<sup>28</sup> - cf. Maria Stella Bersciani. “*A cidade das multidões, a cidade aterrorizada.*” IN Robert Moses Pechman (org). *Olhares sobre a cidade.* Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994. pp .9 a 42.



**O Memorial e o Monumento**  
**– Natal – RN –**

A importância do homenageado é facilmente percebida pela imponência do prédio que foi designado e cedido pelo governo para abrigar o Memorial. Trata-se de uma construção do século XVIII que foi sede do Real Erário da Capitania e, reconstruído em 1875, assumiu sua feição neoclássica e passou a servir à Tesouraria da Fazenda, abrigando posteriormente o Quartel General da 7ª Região Militar do Exército Nacional sediado em Natal.<sup>29</sup>

Para a realização do projeto do Memorial Câmara Cascudo, construiu-se uma praça – de nome *André de Albuquerque* - em frente ao antigo edifício do Exército, que foi inteiramente recuperado para abrigar acervo bibliográfico, o arquivo e alguns dos objetos pessoais que haviam pertencido ao folclorista, etnógrafo e historiador que a cidade inteira reverencia como o maior de seus filhos.

---

<sup>29</sup> - Maria de Fátima MEDEIROS. Op. Cit. p. 122. Ver também [www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br).

Para fazer falar as *coisas mudas* a que aludia Febvre, é preciso especial atenção à dimensão simbólica que as reveste e da que são investidas. Um primeiro aspecto a ser considerado para retirar de seu aparente mutismo o Memorial e o Monumento, é assinalar seu lugar na cidade para destacar o significado da memória que ambos encerram e monumentalizam no mapa simbólico de Natal.

O Monumento erguido na praça em frente à entrada principal do Memorial não deixa dúvidas sobre o lugar e a estatura de Câmara Cascudo nessa cartografia simbólica. Fundido em bronze, forjado em tamanho natural, erguido por uma gigantesca mão, está entronizado em Praça Pública o grande herói da Literatura Potiguar. A mão que ergue a estátua de Câmara Cascudo representa a mão do povo e seu carinho em relação ao Mestre.<sup>30</sup> Como os grandes heróis homenageados nas praças das cidades, Natal homenageia o homem que inscreveu seu nome no cenário letrado do país e Internacional.



**Monumento a Luís da Câmara Cascudo. Ao fundo, o prédio do Memorial Câmara Cascudo. Natal – RN –**

Uma outra direção, não tão óbvia, pode servir de caminho para uma reflexão que leve a entender a relação estabelecida entre a cidade e Cascudo já que um olhar atento à cidade pode ler as relações expressas no espaço ocupado na cidade pelo escritor e etnógrafo.

Angel Rama, o crítico literário uruguaio que deixou como legado uma reflexão sobre o lugar social e político dos letrados na América Latina é quem revela a potencialidade dessa proposta:

*“Toda cidade pode parecer-nos um discurso que articula variados signos bifrontes de acordo com leis que evocam as gramaticais. (...) As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o viajante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem”<sup>31</sup>*

Já cientes de que o *visitante comum* conhece o lugar do Memorial e do Monumento na *rede física* da cidade, ainda que apenas observando-os de relance da janela dos imensos ônibus de turismo que manobram com dificuldade pelo centro histórico de Natal, como desvendar o lugar desses dois monumentos na *rede simbólica* para entender a *linguagem* e a *gramática* que Natal desenvolve *suntuosamente*?

Um primeiro índice pode estar na dimensão propriamente histórica do lugar da principal monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. O Memorial e o

---

<sup>30</sup> - Entrevista concedida pelo idealizador do projeto do Memorial, o jornalista potiguar Paulo Macedo em 09 de Janeiro de 2004.

<sup>31</sup> - Angel RAMA. *A cidade das Letras*. Op. Cit. p. 53.

Monumento estão localizados no lugar histórico mais significativo da Cidade de Natal, na lateral da antiga Praça principal da cidade colonial.

Fiel á lógica do *desleixo* que, segundo Sérgio Buarque de Hollanda<sup>32</sup> caracteriza a obra do *semeador* própria do colonizador luso por contraste àquela seguida pelo *ladrihador* na colonização da América espanhola, Natal parece fisicamente disposta ao sabor do acaso, estendendo-se preguiçosamente entre o céu sempre azul e o mar de um verde-azul indescritível pelo relevo cheio de ladeiras, baixios, dunas gigantescas, e o Potengi sempre guardado pela fortaleza em estrela dos Reis Magos.

Um olhar mais atento descobrirá no aparente *desleixo* a caprichosa lógica da *aventura*: sobre a elevação mais significativa que se ergue próxima ao porto situado à margem do Potengi, em cuja embocadura a fortaleza defende o porto e a cidade, fica a praça principal da cidade colonial, resguardada pelo lado do mar aberto por uma impressionante duna, onde supostamente, os possíveis invasores sucumbiriam às areias escaldantes prontas para impedir o avanço de cavalos e peças de artilharia. Os holandeses mostrariam que essa avaliação era demasiado otimista...

Do alto, a praça permitia descortinar o mar, comunicar-se com a fortaleza e o porto. Atalaia e centro da sociabilidade colonial, nela se erguiam os principais edifícios públicos onde os colonizadores lembravam a vinculação ao Império Português, as casas senhoriais dos colonos e por ela circulavam colonos, colonizadores e colonizados<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> - Cf. Sérgio Buarque de Hollanda. "*O semeador e o ladrihador*" IN *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. (13ª edição)

<sup>33</sup> - Para a conceituação histórica de colonos, colonizadores e colonizados e a explicitação dos agentes sociais que dão corpo social a essas categorias de análise da sociedade colonial, cf. Ilmar Rohloff de MATTOS. "*A moeda colonial*" IN *O tempo saquarema*. São Paulo: Huicitec, 1987.

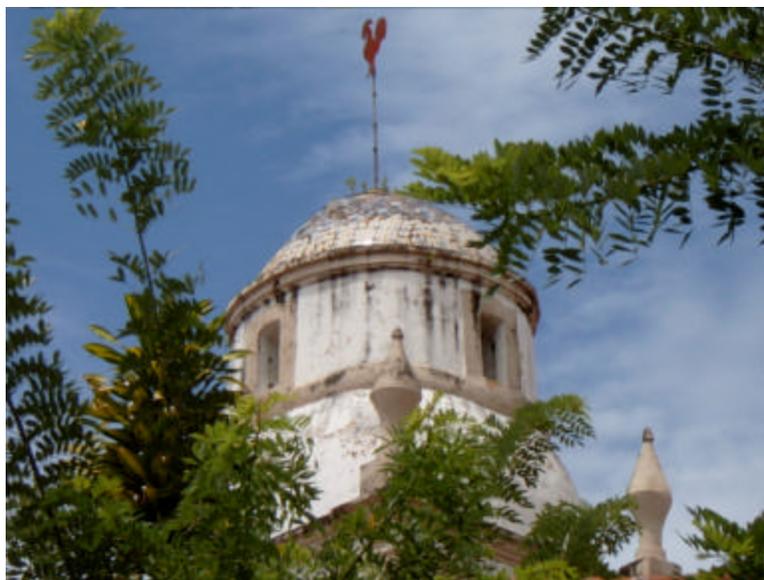
È nessa Praça, coração da cidade colonial, hoje re-significada como patrimônio histórico por excelência da Natal moderna que se erguem o Memorial e o Monumento.

O local de maior veneração à memória de Cascudo na capital norte-riograndense ocupa o mesmo espaço onde estão hoje localizados o Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, o Tribunal Eleitoral do Rio Grande do Norte, a Prefeitura da cidade e o Palácio Potengi, e onde, desde os tempos coloniais, ergue-se a antiga Catedral Metropolitana e avista-se a torre da Igreja do Galo com sua cúpula azulejada e o mirante onde se ergue a Igreja do Rosário dos Pretos, as três igrejas onde a sociedade colonial vivenciava e expunha as hierarquias que a definiam e estruturavam. É nessa Praça, densamente recoberta pela rede simbólica que revela as hierarquias, as exclusões e os círculos do poder da Cidade de Natal de ontem e de hoje que se encontra o principal *lugar de memória* de Câmara Cascudo na cidade.



**A Catedral Velha, o Instituto Histórico e o Palácio Potengi – na lateral esquerda da Catedral, erguem-se o Câmara Monumento e o Memorial Câmara Cascudo.**

**– Natal – RN –**



**Torre da Igreja de Santo Antonio, mais conhecida na cidade como a Igreja do Galo, vista de uma das janelas da parte posterior do Memorial Câmara Cascudo.**

**– Natal – RN –**

Entronizado como monumento no espaço onde estão localizadas algumas das principais Instituições letradas da cidade reforça a idéia do pertencimento de Cascudo à *cidade letrada* que, como um anel protetor, circunda o coração do poder tal como exposto por Angel Rama<sup>34</sup>. O Memorial e o Monumento permitem entrever o processo de construção da identidade do intelectual que se constitui dentro dessas Instituições e como essas mesmas Instituições acabaram por ter sua legitimidade confirmada no plano nacional pela posição alcançada por Cascudo no cenário letrado Brasileiro e internacional.

A placa presa à parede junto à entrada do Instituto Histórico e Geográfico – antiga sede da Justiça colonial no Rio Grande do Norte -, está situada em posição simétrica e oposta ao Pelourinho da cidade e ao brasão Imperial, que ladeiam a esquerda da porta de ingresso ao Instituto, fecha a tríade de símbolos que ilustram

---

<sup>34</sup> - Cf. Angel RAMA, Op. Cit, capítulo 3.

sua parede externa: o símbolo do poder da metrópole sobre a colônia, o símbolo do Estado Imperial e a palavra do maior dos letrados da cidade. Fica assim patente a relação de Cascudo com essa e, por extensão, com as demais instituições letradas da cidade. É sua palavra que situa, ilustra e dignifica a tarefa ali desempenhada:

*“O Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte não teve em sua história se não os elementos mais altos da dignidade cultural humana do mundo, foi a casa do Justiça hoje é a casa da Memória.”*

*Luis da Câmara Cascudo.*



**Corredor e parede junto à porta de ingresso ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com o brasão imperial e o Pelourinho.**

**– Natal – RN –**

Cascudo foi um dos fundadores do Instituto, primeira instituição letrada de Natal e sua autoridade intelectual confere identidade à casa e a seus idealizadores. Os estreitos laços que foram gradualmente se fortalecendo e solidificando entre o escritor e essas Instituições Letradas estão expressos na rede física da cidade de Natal e permitem identificar a rede simbólica que a recobre e situa, nela, os letrados. A Academia Norte Riograndense de Letras, o

Atheneu, a Escola Normal, o Museu de Antropologia da Cidade e a Biblioteca Pública Municipal que tomam de empréstimo o nome do folclorista, ecoam a presença ubíqua de Cascudo que o visitante encontra na parede exterior e nas salas do Instituto Histórico.

De volta ao Memorial, convém ingressar na casa da memória cascudiana pela porta que se abre para a Praça e diante da qual o próprio Cascudo parece montar guarda, de seu posto de observação sobre *a mão do povo*.

**O Monumento a Luís da Câmara Cascudo  
diante da porta principal do Memorial  
dedicado ao escritor potiguar.**

**- Natal – RN –**



O interior do prédio é pouco visitado pelos turistas, ainda que o material de divulgação da Secretaria de Turismo da cidade aconselhem uma permanência de trinta minutos no local, é, no entanto, parada obrigatória de pesquisadores e estudantes que se interessam pela vida e a obra de Luis da Câmara Cascudo.

A parte térrea do Memorial está formada por cinco salas que reconstroem episódios da vida e da obra de Cascudo, tendo como principais suportes físicos da

memória que ali se *destila*<sup>35</sup> – para utilizar uma expressão cara a David Lowenthal - uma grande variedade de itens. Duas salas são dedicadas a passagens da vida do mestre, e contêm objetos de uso pessoal, além de fotos de momentos marcantes de sua vida. Emolduradas nas paredes estão várias condecorações e reportagens sobre Cascudo. E, como em todo o Memorial, é possível observar placas comemorativas e citações de diversas pessoas enaltecendo sua memória. Na segunda sala está o registro da cédula de cinquenta mil cruzeiros, homenagem prestada a Cascudo pelo governo federal. Nela, mostra-se passo a passo o processo de criação da cédula que traz a imagem de Cascudo na face e desenhos alusivos às festas populares por ele estudadas na contra-face.



**A cédula de 50.000 cruzeiros. Homenagem do Banco Central a Câmara Cascudo. Memorial Câmara Cascudo – Natal – RN –**

Em duas outras salas, aquela destinada à *Arte Popular* e a *Sala da Magia*, estão representadas manifestações populares e crendices, objetos de estudo do escritor que renderam a Cascudo o reconhecimento como o maior folclorista do Brasil.

O andar térreo do Memorial, constituído pelas salas descritas da ala esquerda e pelas duas grandes salas da ala direita que abrigam, sobretudo, recortes da Imprensa e objetos de seu escritório, está dedicado à biografia

---

<sup>35</sup> - David LOWENTHAL. Op. Cit. p. 204.

pessoal e intelectual de Cascudo, recriada a partir seus objetos pessoais, sua trajetória profissional, suas relações intelectuais e, àquilo que “*ao longo de sua vida como etnógrafo e folclorista, Câmara Cascudo elegeu como objeto de estudo, o homem comum*”.<sup>36</sup> A relação existente entre a vida e a obra de Cascudo estão esboçadas no interior do Memorial. Sua vida privada e seu protagonismo público estão entrelaçados por elos tão fortes que se torna impossível separar as duas faces da medalha de sua biografia rememorada e monumentalizada no Memorial.

A ênfase na noção de *convivência*, conforme já foi assinalado no capítulo primeiro desse relatório, central em seu método de trabalho, e na construção de sua imagem pública de intelectual próximo do povo e seu intérprete é a chave de leitura do que ali se expõe e ensina sobre o autor. O Cascudo que o Memorial monumentaliza é o homem simples, austero, sempre interessado nas tradições populares, estudioso e escritor, mas é também o intelectual reconhecido nacional e internacionalmente, ganhador de prêmios como o Juca Pato, homenageado pelos Correios com um selo comemorativo, pela Loteria Federal com bilhetes que reproduzem sua imagem, e que circula na mão do povo nesses suportes e na nota de dinheiro com que paga suas contas. Fecha-se assim o círculo memorialístico que o Memorial parece desenhar: Câmara Cascudo faz a cultura circular pelo universo letrado que, em contrapartida, faz a imagem de Cascudo circular pelas mãos do povo através da imprensa, dos bilhetes lotéricos onde tenta a sorte, dos selos que caprichosamente cola nas cartas que comunicam os imigrantes do sudeste com os que ficaram nas suas regiões de origem; no dinheiro que nunca chega ao final do mês.

A *convivência* de Cascudo com os diversos tipos humanos, humildes e letrados, é constitutiva da construção de sua identidade intelectual. O autor lança mão em toda sua obra da erudição de homem de letras e da *convivência* que manteve com os diferentes tipos populares como fonte principal de seu conhecimento da cultura popular.

---

<sup>36</sup> - Luiza Laranjeira da Silva MELLO. Op. Cit. p.14.

*“Em toda sua obra, ele insiste que o saber acumulado sobre cultura popular vem do fato de ter sido criado no sertão do Rio Grande do Norte e de que, durante toda a sua vida, a cultura popular esteve presente no seu cotidiano (...) Por outro lado, sua formação culta é aquilo que lhe permite transformar esse saber adquirido pela convivência em objeto de estudo.”<sup>37</sup>*

Existe um duplo processo que transforma o cotidiano do professor na obra daquele que é sempre apresentado como o maior folclorista do Brasil, uma vez que é possível pensar no significado da *convivência* de Cascudo, também, com o universo intelectual. E são as relações que foram por ele estabelecidas com o círculo letrado as que conferem legitimidade a seu trabalho e, acabaram por transformar o Cascudo-professor, pesquisador, escritor e intelectual reconhecido dentro e fora do país no homem que, em Natal, é lembrado, comemorado e monumentalizado sobretudo como o interlocutor e o intérprete do povo simples e de sua cultura. Não sem razão sua estátua em bronze se ergue sobre a mão do povo.

O Memorial reflete essa construção, uma vez que, nele, a vida de Cascudo é contada tendo como pauta a associação de sua dimensão homem público e seu perfil privado esboçado, por um lado, com as cores do *pater famílias* bonachão, sempre carinhoso com os filhos, netos e com a companheira da vida inteira, D. Dália, e, por outro, com os matizes de seu lado simpático e folgazão de boêmio. É na *convivência* numa mesma personalidade carismática de universos e referências aparentemente opostos pelo vértice que se forja a versão monumentalizada de Câmara Cascudo. Por isso, são atributos indissociáveis de sua imagem o inseparável charuto das baforadas prazerosas e os óculos do leitor voraz e compulsivo; o chapéu sempre utilizado nas escapadas ao bairro da Ribeira e a máquina Olivetti com a que atravessa noites insone escrevendo; o pijama de seda com que recebia visitas – inclusive as ilustres – e as

---

<sup>37</sup> - IDEM. Ibidem. p. 8.

condecorações que luzia nas ocasiões solenes; os santos católicos e as entidades do candomblé; a austera mesa de trabalho e a rede de dormir, que descreveu como a única peça de mobiliário doméstico autenticamente brasileira<sup>38</sup>. Todos esses objetos icônicos estão no Memorial e dividem o espaço com as fotos tiradas ao lado de personalidades do mundo do governo, da intelectualidade e das artes, as matérias de jornais; os mamulengos; o Boi Tatá, o lobisomem, e mesmo o espelho quebrado dos sete anos de azar. É com essa matéria prima que se faz a monumentalização de Câmara Cascudo na exposição aberta ao público no Memorial que leva seu nome, também ali, ainda que de forma menos literal, erguido sobre as mãos do povo.

**Primeira sala da  
Exposição sobre Luís da  
Câmara Cascudo no  
Memorial que leva seu  
nome. Fotos e o troféu  
Juca Pato.**

**- Natal – RN –**

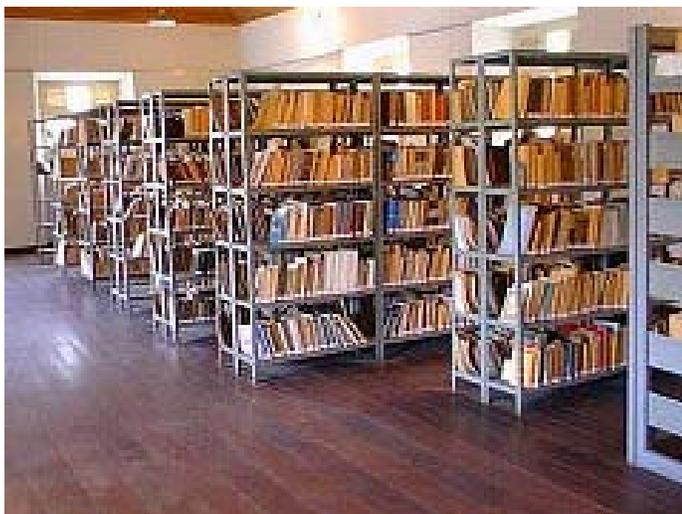


Discretamente, conservados no segundo andar do Memorial está seu arquivo pessoal que compreende uma iconografia riquíssima e os milhares de cartas que recebeu de intelectuais das mais variadas tendências e dos mais diferentes lugares, ambos os acervos ainda longe dos olhos dos pesquisadores e em fase de organização. Ali está também uma de suas grandes paixões da vida de Cascudo, sua tão amada *Babilônia*, resgatada do labirinto de pilhas

---

<sup>38</sup> - Cf. Luis da Câmara CASCUDO. *Rede de dormir. Uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRN, 1983. (2ª edição).

aparentemente desordenadas de seu escritório privado da casa da Junqueira Aires e cuidadosamente arrumada em estantes de ferro.



**A Biblioteca de Luís da  
Câmara Cascudo,  
conservada no Memorial  
que leva seu nome.**

**- Natal – RN -**

Trata-se de uma biblioteca cujo acervo, muito significativo qualitativamente, não parece obedecer a avaliações quantitativas muito precisas<sup>39</sup>. Enfileirados em suas estantes estão volumes raros, muitas vezes com preciosas dedicatórias dos autores a Cascudo, como é o caso de sete dos onze livros de Jorge Amado; de trinta dos quarenta e seis livros catalogados de Gustavo Barroso; de quatorze dos trinta e cinco livros de Gilberto Freyre e de dez dos quinze livros de Mario de Andrade, inclusive o volume da primeira edição de *Macunaíma* de Mario de Andrade<sup>40</sup>.

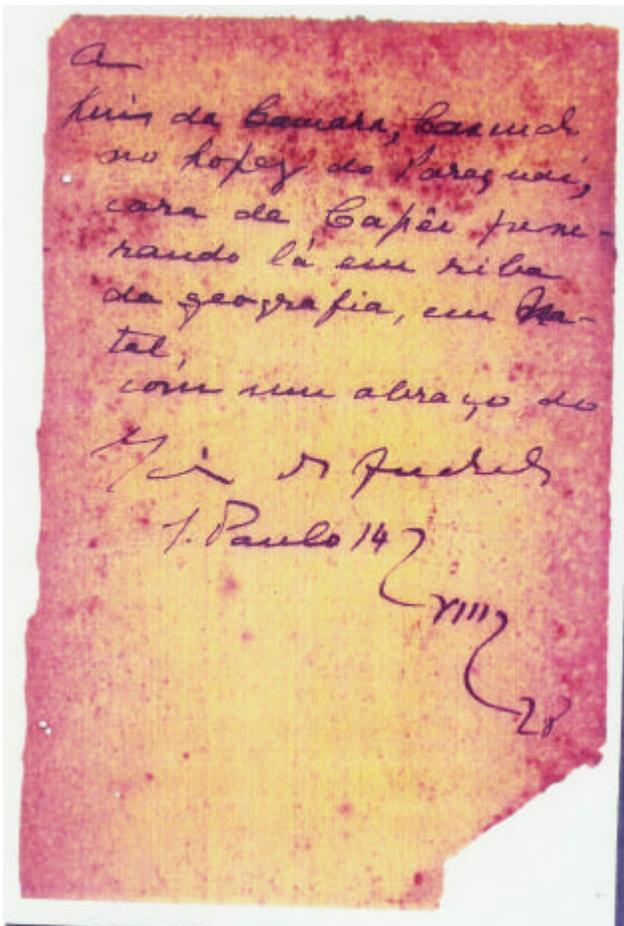
Lugar onde o acesso do visitante é mais restrito, reservado aos pesquisadores e especialistas, a Biblioteca é o grande tesouro do Memorial, que o visitante comum apenas vislumbra se tem a sorte de participar de alguma das

---

<sup>39</sup> - Segundo Gildson Oliveira (Op. Cit. p. 98), a biblioteca contém mais de 20.000 títulos. Segundo o site [www.memóriaviva.org.br](http://www.memóriaviva.org.br), é formada por mais de 10.000 volumes. Por fim, segundo os registros de seu catálogo, 17.000, alguns dos quais, no entanto, não podem ser localizados.

<sup>40</sup> - A equipe de bolsistas e pesquisadores vinculados ao Projeto Integrado de Pesquisa coordenado pela Professora Margarida de Souza Neves esteve em Natal em três ocasiões e teve ocasião de pesquisar esse rico acervo, dando especial atenção às dedicatórias e à marginalia dos livros, alguns deles intensamente anotados por Cascudo.

visitas guiadas organizadas pela manhã. Nela, nos livros lidos, nas anotações feitas e nos milhares de dedicatórias que se multiplicam nas folhas de rosto dos volumes ali guardados, estão não poucos segredos da escrita, da interlocução intelectual e das relações pessoais de Câmara Cascudo. Agora no Memorial, esses livros foram, por muitos anos, o coração e a alma da casa da Ladeira Junqueira Aires.



**Dedicatória de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo na edição *princeps* de *Macunaíma* conservada na Biblioteca do Memorial.**

**- Natal – RN –**

## **CAPÍTULO III**

### **A CASA DA JUNQUEIRA AIRES: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO**

Na antiga Avenida Junqueira Aires, número 377, exatamente no meio da ladeira que liga a cidade velha à Ribeira, está o elegante casarão no qual Câmara Cascudo viveu boa parte de sua vida e, onde produziu muito de sua vasta obra literária, etnográfica, folclórica e jornalística. “*O espaço sagrado de Cascudo*”, como definiu Gildson de Oliveira<sup>41</sup>, transcende o universo da vida privada do escritor e ganha dimensão de *lugar de memória* para a cidade de Natal, uma vez que se constitui em um *lugar de memória*<sup>42</sup> de Câmara Cascudo e, por extensão, da memória de sua relação com a cidade de Natal e com a cultura em geral no tríplice sentido material, funcional e simbólico, tal como proposto por Pierre Nora. Por todos os espaços da casa, nas paredes, nos retratos, nos quadros, nos objetos pessoais, é possível perceber a construção uma memória que não pertence só ao indivíduo que um dia ali morou, mas que se transformou em uma solar significativo na da história e na memória de Natal.

Seguindo o caminho sugerido pelo historiador Carlo Ginzburg, em seu livro *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*, no qual, através da observação dos métodos usados por Morelli, um experto em identificar a autenticidade de obras de arte por observar detalhes aparentemente irrelevantes de um quadro, por Sherlock Holmes, personagem criado por Conan Doyle e o detetive mais famoso da ficção literária e, Freud o pai da psicanálise, Ginzburg propõe ao historiador se comportar como um detetive e basear sua observação em “... *indícios imperceptíveis para maioria...*”<sup>43</sup>. Aceitar a proposta do historiador significa, concentrar nas pistas deixadas por Cascudo em seu ambiente mais íntimo, o lar onde viveu. Através dos indícios deixados no *espaço sagrado* do mestre Cascudo, é possível tentar acompanhar os fios que compõem essa delicada rede que recobre sua vida doméstica, a entrelaça com o papel que assumiu na esfera pública e que, ao fim, transformará o homem em Monumento.

---

<sup>41</sup>- Gildson de OLIVEIRA. *Câmara Cascudo: Um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999. p. 99.

<sup>42</sup> - Para o conceito de lugar de memória, cf. Pierre NORA. “*Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux*” IN IDEM (org) *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1986. (vol. 1).

<sup>43</sup> Carlo GINZBURG. “*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*” IN: *Mitos, Emblemas, sinais Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

O chalé, originalmente dos pais de D. Dália, a amorosa mulher de Cascudo, data de 1900<sup>44</sup> e é um dos poucos remanescentes de um estilo considerado neoclássico na cidade, na verdade uma construção de arquitetura um tanto híbrida, com seus beirais de madeira trabalhada, seu alpendre que segue a tradição colonial e seus janelões abertos para a rua. É uma bela casa, o que a destaca diante das outras construções locais. Como muitas construções brasileiras, o jardim ladeia a casa e o amplo quintal está localizado na parte dos fundos, preservando dos olhares da rua os momentos de ócio ao ar livre da família. Essa característica faz que a fachada da casa, mais precisamente, os cômodos onde estão a biblioteca e uma saleta íntima, avancem sobre a rua.

**A casa da Junqueira Aires, hoje  
Avenida Câmara Cascudo.  
- Natal – RN –**



A construção produz um efeito curioso. O casarão parece debruçar-se sobre a rua, e não é difícil imaginar os janelões da biblioteca como um observatório de onde Cascudo acompanhava a vida de Natal no trânsito constante de seus moradores entre a cidade alta onde o governo e a boa sociedade tinham seus espaços e a cidade baixa, onde, em seu tempo, estavam o porto; as principais escolas, tais como o Grupo Escolar Augusto Severo, fundado em 1909 como escola pública modelo e, depois de hospedar por curto tempo o Atheneu Norte Rio Grandense onde Cascudo foi professor de história, em 1956 passou a

---

<sup>44</sup>- Gildson de OLIVEIRA. Op. Cit p. 99.

abrigar a Faculdade de Direito de Natal, onde Cascudo também foi professor, mas de direito internacional, a Escola Doméstica de Natal, desde 1914 dedicada à instrução das meninas da boa sociedade do estado e o Colégio Salesiano, que ocupava todo um quarteirão no Largo D. Bosco; o teatro Alberto Maranhão, inaugurado em 1904; o Grande Hotel onde desde 1939 se hospedavam personalidades e turistas abonados em visita a cidade e que, em 1955, hospedou o presidente Juscelino Kubitschek e o bairro boêmio de Natal. Através das grandes janelas de sua casa Cascudo podia perfeitamente observar quem subia e descia a grande ladeira da Junqueira Aires, seguindo com seu olhar arguto os tipos populares da Ribeira e seus refrões; os jornalistas que entravam e saíam do prédio do jornal *A República*, vizinho a sua casa e onde publicou, por décadas suas crônicas intituladas *Actas Diurnas*; os homens de negócios que entravam e saíam da construção imponente da Capitania dos Portos, fronteira à sua casa; os que se dirigiam ao Palácio Potengi ou à Prefeitura em busca de favores ou para fazer política; os estudantes em bandos barulhentos; as pessoas comuns que iam e voltavam de seus trabalhos e, altas horas, os farristas que subiam da Ribeira, às vezes trôpegos depois de uma noitada.



**O antigo prédio do Grupo Escolar Augusto Severo (1908) onde passou a funcionar em 1952 o Atheneu Norte-riograndense e, em 1956, instalou-se a Faculdade de Direito de Natal.**

**-- Natal – RN –**

**Prédio da Ribeira onde  
foi inaugurada em 1914  
a Escola Doméstica,  
idealizada por Henrique  
Castriciano.**

**– Natal – RN –**



**Sede do jornal *A República*,  
vizinha à casa de Câmara  
Cascudo na Junqueira Aires.**

**- Natal – RN –**

É possível dar asas à imaginação e ver Cascudo sentado em sua Biblioteca, concentrado para começar a escrever um de seus textos, têm por um segundo seu olhar desviado dos livros para a rua. Para, e observa um pescador que sobe a ladeira, ou as mulheres que descem levando roupas para lavar. A cidade passa pela janela do casarão da Junqueira Aires, que observa atentamente sua movimentação.

**Luís da Câmara  
Cascudo na janela de  
sua biblioteca, no  
sobrado da Junqueira  
Ai-res.**

**- Natal – RN –**



O casarão em que Cascudo viveu ao lado de sua mulher, Dona Dália, e no qual viu crescerem seus filhos e netos pertenceu, anteriormente, à família de sua esposa. Lugar de visitação de personalidades, curiosos, e estudantes. O casarão recebe até hoje, peregrinos que vêm de todos os cantos do Brasil conhecer o “endereço da cultura” de Natal.<sup>45</sup>

Para entrar na casa é preciso subir uma pequena escada que leva à porta de ingresso do casarão. Antes mesmo de ultrapassar seus umbrais, a importância de seu morador mais ilustre fica patente para o visitante pelas placas fixadas na parede externa desde o tempo em que o Mestre era vivo.



**A porta de entrada da casa da Junqueira  
Aires e as três placas em honra a seu  
mais ilustre morador.**

**- Natal – RN –**

---

<sup>45</sup> IDEM. Ibidem . p.97.

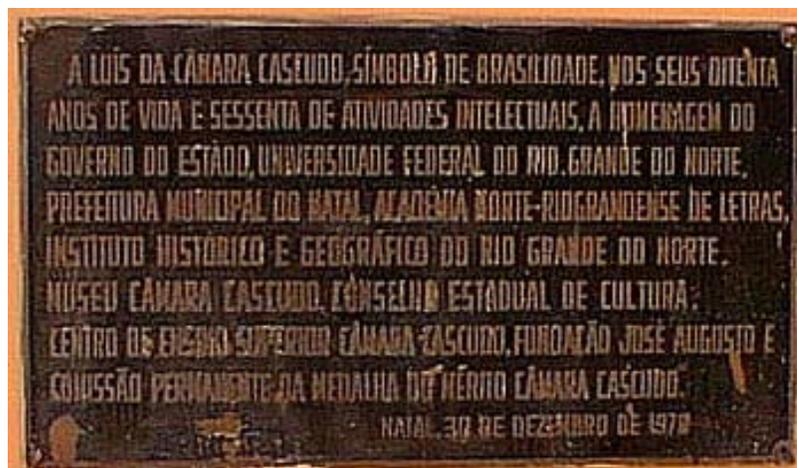
O reconhecimento do Instituto Histórico fica patente na placa que apresenta Câmara Cascudo ao visitante como o primeiro servidor do Estado por seu trabalho intelectual *constante e nobre*:



Em seguida visitante é advertido sobre a importância do solo em que pisa:



Diante dessa placa, o visitante sente-se avisado de que pretende entrar em um espaço sagrado da memória de Natal. E, finalmente como uma ode à Cascudo, a terceira placa anuncia a legitimação de sua fama pelo reconhecimento de todas as instituições letradas da cidade ao intelectual que um dia ali morou



As três placas monumentalizam o espaço da casa de Cascudo conferindo uma aura pública a seu universo privado.

Logo na entrada de sua casa estão indicações da construção de sua identidade como grande intelectual de Natal. Não só identificam quem mora na casa, como o visitante é informado de que ali vive uma figura pública de valor reconhecido pela cidade e, de que aquele é seu ambiente de trabalho. Seguindo os indícios encontrados, tal como proposto por Carlo Ginzburg, os muros externos de sua casa são um primeiro sinal eloqüente da monumentalização de Cascudo ainda em vida e, apontam para a relação construída entre o autor e a cidade.



**Vestíbulo de ingresso da casa de Câmara Cascudo**

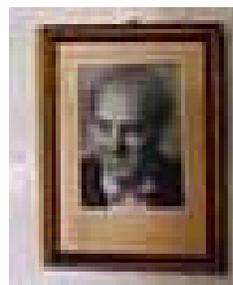
**- Natal – RN –**

Ao entrar na casa, o pequeno vestíbulo de ingresso é uma verdadeira galeria de retratos de sua família de sangue e de sua família simbólica, formada pelos grandes nomes da cultura e da vida pública do Estado, da região e do país. Nas paredes, recebem o visitante os retratos do próprio Cascudo com sua mulher, com os filhos e netos e as fotografias com dedicatórias que atestam o grau de intimidade do dono da casa com figuras importantes com as quais Cascudo se

relacionava. As fotografias de intelectuais Brasileiros e estrangeiros, dentre as quais destacam-se os retratos de Rui Barbosa e Villa Lobos, austero e formal o primeiro, dado por sua viúva que escreve apenas "Ao meu bom amigo Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1941"<sup>46</sup>, brincalhão o segundo na simpática dedicatória em que o músico declara ter "Uma boa testa para levar um Cascudo amigo"<sup>47</sup>; de personalidades Nordestinas e do Rio Grande do Norte tais como Augusto Severo – o aviador potiguar morto tragicamente nos céus de Paris quando pilotava um dirigível e que hoje dá nome ao aeroporto de Natal; e até da família imperial do Brasil, em dedicatórias que reconhecem a amizade e a fidelidade desse monarquista excêntrico, penduradas nas paredes, situam publicamente o dono da casa.



**Rui Barbosa**



**Villa Lobos**

**Retratos com dedicatórias na parede do vestíbulo de ingresso da Casa de Câmara Cascudo.**

**- Natal – RN –**

Cascudo costumava a referir-se a essa galeria de amigos, familiares e personalidades como a um *altar doméstico* onde cultuava os *santos de sua devoção*, e uma versão escrita desse panteon privado pode ser encontrada em seu livro *Gente Viva*<sup>48</sup>. Nas paredes da sala de ingresso de sua casa, como,

<sup>46</sup> - IDEM, Ibidem, p.99.

<sup>47</sup> - Gildson OLIVEIRA. Op. Cit. p. 99.

<sup>48</sup> - Luís da Câmara CASCUDO. *Gente viva*. Recife: Editora da UFPE, 1970.

aliás, por toda a casa, as fotografias que demonstram a intimidade que desfrutava com a elite política e intelectual, misturadas àquelas que retratam os momentos íntimos com a família, atestam a porosidade entre seu mundo privado e sua figura pública e são índices da rede de relações que o situam na intrincada trama de hierarquias própria da sociedade brasileira, marcas de distinção do dono da casa que atestam que o dono da casa soube amearhar uma considerável fortuna em *bens* simbólicos, para utilizar um conceito proposto por Pierre Bourdieu<sup>49</sup>.

No ambiente privado da casa, as fotografias expressam, como troféus, sua relação de amizade com figuras públicas bem conhecidas, e exercem um papel análogo ao de títulos nobiliárquicos conquistados por ele.

As paredes da casa do escritor evocam uma memória de relações pessoais e antecipam o futuro de sua identidade pública para a posteridade, servindo de suporte físico para sua monumentalização em vida, como muros de sustentação de seu lugar na memória coletiva do Brasil e dos brasileiros. No entanto, não são apenas as fotografias dedicadas que evidenciam seu universo de relações pessoais e a interpenetração entre seu lugar no universo público e sua vida privada. Cascudo faz que os inúmeros visitantes que acorrem a visitá-lo em casa assinem as paredes de sua biblioteca, que se transformam assim em uma espécie de ladainha de louvor ao dono da casa.

---

<sup>49</sup> - Pierre BOURDIEU. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003. (5ª edição).



**Detalhe das paredes da biblioteca da casa da Junqueira Alves, cobertas de assinaturas e comentários feitos por visitantes anônimos e famosos.**

**- Natal – RN –**

Isso só será descoberto quando o visitante aventurar-se um pouco mais no interior da casa, e entrar no *sancta sanctorum* do mestre Cascudo, sua biblioteca. Hoje esvaziada de sua presença física e dos livros que, um dia, encheram suas estantes, hoje transferidos para o Memorial.

Mesmo sem a presença do folclorista e de seus livros, o local ainda transmite ao visitante a sensação de que ingressa em um espaço sagrado, não só porque tudo ali remete aos tempos em que a luz acesa a noite inteira sinalizava para a cidade que o Mestre se dedicava, madrugada a dentro, à escrita e à leitura, e em que, durante o dia, recebia as visitas ilustres de autoridades e famosos que passavam pela cidade e eram convidados – como uma especial deferência – a entrar em seu espaço mais íntimo, mas também porque o dono da casa guardava, em seu gabinete de leitura, as imagens de santos que colecionava, alguns deles de tamanho avantajado.

Entre essas imagens destacam-se o São Sebastião atado a um mandacaru, esculpido no início do século XIX e que pertenceu ao antigo forte militar da Ponta Negra, o São Vicente de Paula que *“por duzentos anos teve altar*

na catedral.<sup>50</sup> E não se sabe bem como ou por que terminou sobre a mesa de trabalho de Cascudo, que afirma que “Um belo dia socializei-o, o trazendo para cá, com a autorização do bispo”<sup>51</sup> e o São José de Botas, que Cascudo considera “a imagem mais ilustre (...) desta sala”<sup>52</sup> por suas propriedades milagrosas, também explicadas pelo dono da casa na preciosa entrevista concedida a Carlos Lyra em dezembro de 1974 e na qual, como se fosse um guia turístico, explica cada detalhe de sua biblioteca e das raridades – reais ou imaginárias – que abriga em suas prateleiras, paredes e recantos. Sobre o São José de Botas diz a seu entrevistador:



**Na biblioteca: São Sebastião, São Vicente de Paula e o São José de Botas sobre a mesa de trabalho de Câmara Cascudo.**

**- Natal – RN –**

---

<sup>50</sup> - Luis da Câmara Cascudo. Entrevista a Carlos Lyra em 6/12/1974. IN Carlos LYRA. “Cascudo e sua Biblioteca” Op. Cit. p 62

<sup>51</sup> - IDEM. Ibidem. p. 62.

<sup>52</sup> - IDEM, Ibidem. p. 63.

“ O São José do Egito, São José de Botas, apenas visível o joelho. A tradição é que a menina que passa o polegar no joelho e se benze, casa. Bem pode imaginar que de 45 para cá, alguns milhares de polegares friccionaram o joelho de São José, caçando um feliz esposo. E isso continua, mas a moda agora passou para as casadas. E me explicam: primeiro há o problema de conquistar o noivo, e o outro problema maior é conservar o marido. De maneira que o joelho de São José, que friccionado permite a deslocação, é a mascote para a conservação dessa felicidade.”<sup>53</sup>



) São Sebastião  
itado ao manda-  
arú e o São José  
le Botas.

- Natal – RN –



Os santos milagrosos, a patena e o cálice da primeira Igreja construída no Brasil, em Igarassu, os objetos trazidos por ele ou por amigos de viagens, as peças de artesanato popular, e as assinaturas que recobrem as paredes fazem que a biblioteca seja também um *gabinete de curiosidades* tal como aqueles dos colecionadores<sup>54</sup> de outros tempos e Cascudo não deixa de assinalar, a cada passo, na entrevista as *raridade* e as *curiosidades* que conserva ali onde até .

<sup>53</sup> IDEM. Ibidem. p. 63.

<sup>54</sup> - Sobre o colecionismo, cfr. Krzysztof POMIAN. “Coleção”. IN *Memória – História. Enciclopédia Einaudi – volume 1*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. pp. 51 a 86.

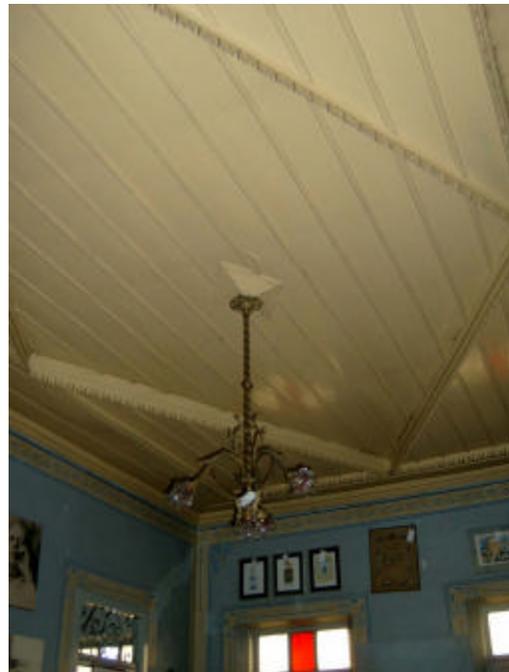
Dona Dália, a dona da casa, entrava com cuidado para não interromper o trabalho do marido.

Como nos antigos *gabinetes de curiosidades*, sua coleção expressa a identidade e a visão de mundo daquele que, cuidadosamente, a reuniu, consciente de que tudo ali era *precioso e único*, das assinaturas entre as quais destaca a de Ari Barroso que grafou na parede azul os primeiros acordes de *Aquarela do Brasil*; dos quadros ao relógio que nunca marca a hora certa; da coleção de moedas ao teto trabalhado que descreve com detalhes:

*“ O teto é curioso, talvez o mais curioso de Natal: imita papel cortado, que era a ornamentação das festas do século XIX”<sup>55</sup>*

**O teto da Biblioteca, instalada na sala mais nobre da casa da Junqueira Aires.**

**- Natal – RN –**



O escritório de Cascudo, sem dúvida, é o local em que sua presença é percebida mais fortemente e aquele que, na casa, traz mais fortemente a marca de sua identidade. Nesse lugar não predominam os retratos de personalidades

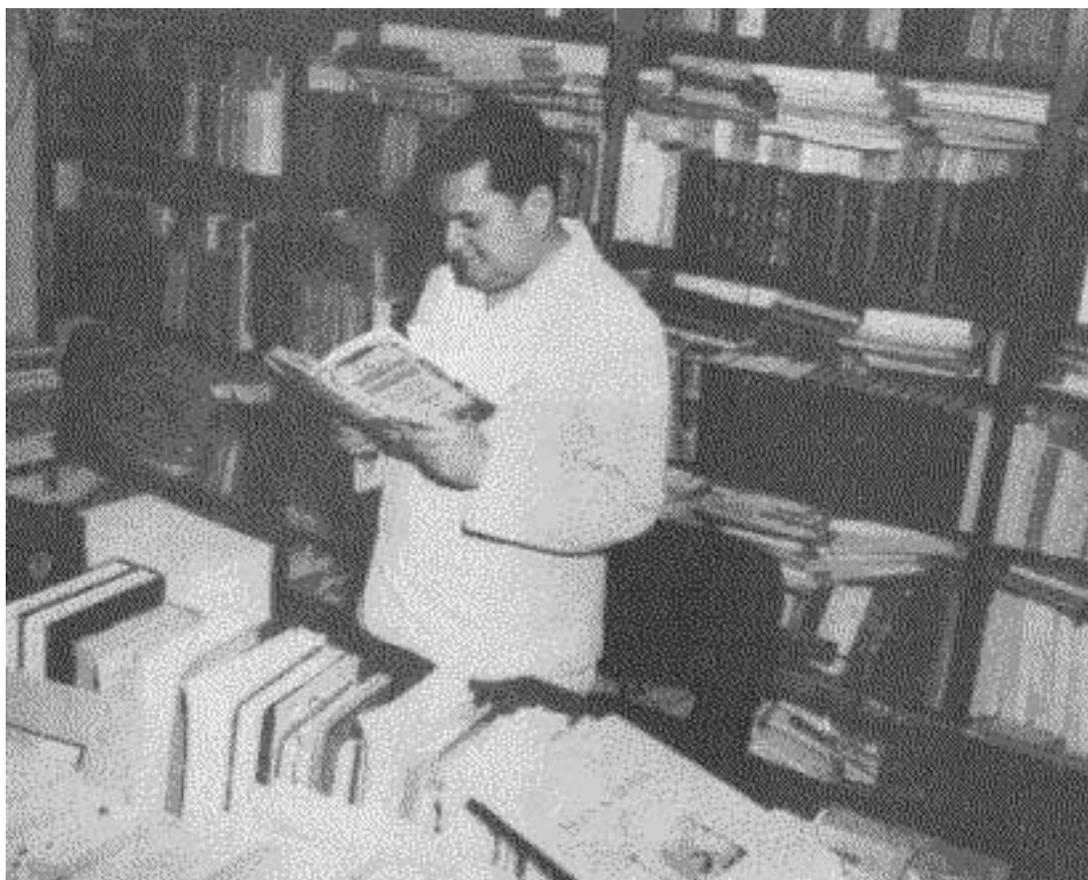
---

<sup>55</sup> - Luis da Câmara Cascudo. Entrevista a Carlos Lyra em 6/12/1974. IN Carlos LYRA. “*Cascudo e sua Biblioteca*” Op. Cit. p. 61.

misturados com os retratos de sua família como na sala ao lado, ali são mais numerosos os retratos do próprio Cascudo, em fotografias ou pinturas. Entrar em sua Biblioteca é como invadir uma espécie de santuário no qual todas as relíquias possuem um profundo significado simbólico.

Dentre todas elas, seus livros são os tesouros mais apreciados e sobre eles afirma:

*“A maior alegria da minha salinha de livros é que a maioria dos livros estão autografados, e, naturalmente, com a morte desses autores, o livro vai criando uma dimensão sentimental maior, toda vez que eu abro.”<sup>56</sup>*



**Luís da Câmara Cascudo e os livros em sua biblioteca.**

**- Natal – RN -**

A Biblioteca esconde muitos outros tesouros além de seus preciosos livros. É ali que o Cascudo-avô guarda os presentes de seus netos, como a varinha de condão feita por sua neta Daliana “*numa idade em que podia fazer milagres*”<sup>57</sup>, os carrinhos de Newton e os desenhos, ainda abstratos, da caçula, Camila, no momento da entrevista dada a Carlos Lyra ainda muito pequena. É também ali que conserva uma réplica da cruz da primeira missa no Brasil; a espada que tanto estimava, dada por seu amigo Thadeu Villar de Lemos , que via como “*a espada de gala, cravejada de pedras preciosas*”<sup>58</sup>, ainda que, na verdade, eseja muito longe disso. Aí também conservava as esculturas de madeira, o adufte trazido de Portugal, e o desenho feito pelo neto de Eça de Queiroz, representando uma menina da Beira tocando esse instrumento. Todos esses objetos – independentemente de seu valor real - são descritos como valiosos na entrevista concedida a Carlos Lyra.

A descrição de seu relógio é reveladora de sua relação com o tempo.

*“Esse relógio, eu adoro, porque é justamente a imagem da vida. Nunca, jamais em tempo algum, expôs as horas certas. Quando ele marca duas horas, é porque, certamente, serão oito, seis ou doze. É a imagem da vida que nós vemos: uma coisa, intimamente representa outra. Foi um presente do meu velho amigo Português, Manuel Afonso.”*<sup>59</sup>

As paredes cobertas por mais seiscentas assinaturas de pessoas ilustres e anônimas que visitaram o chalé do Mestre Cascudo, são, como reconhece ele

---

<sup>56</sup> - IDEM, Ibidem. p. 60.

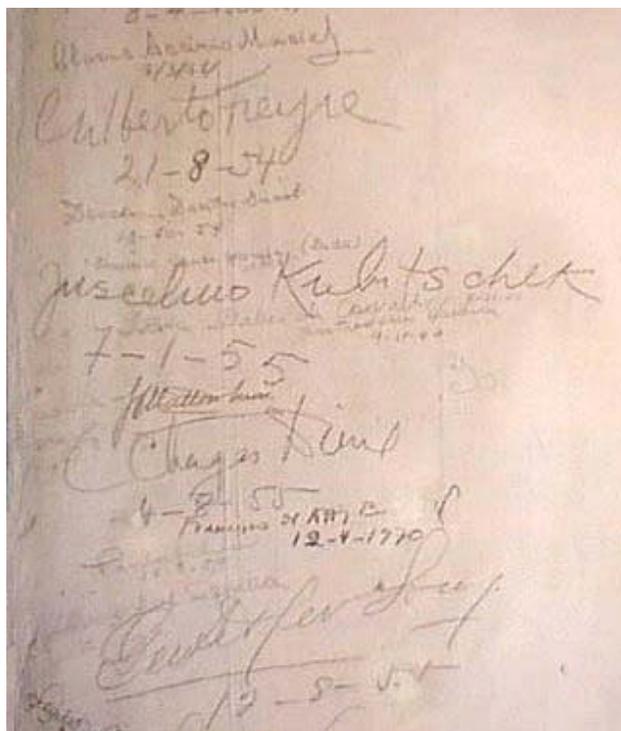
<sup>57</sup> - IDEM. Ibidem. .p 59.

<sup>58</sup> - IDEM. Ibidem. p.60.

<sup>59</sup> - IDEM.Ibidem p.60.

próprio, “Uma espécie de álbum, hoje raro, porque também uma larga percentagem deles tem desaparecido.”<sup>60</sup>.

Entre as centenas de assinaturas estão as de pessoas mais importantes de sua época. Personalidades nordestinas e brasileiras, presidentes e governadores deixaram marcadas as paredes da *Babilônia*:



**Detalhe de uma parede da biblioteca de Câmara Cascudo na qual é possível identificar os autógrafos de Juscelino Kubitschek e de Gilberto Freyre.**

**- Natal – RN -**

Nas paredes-álbum deixam seus registros

“Juscelino Kubitschek, Gilberto Freyre, Heitor Villa-Lobos, Ary Barroso, Procópio Ferreira, Dorival Caymmi, Bárbara Heliadora, Mário de Andrade,

---

<sup>60</sup> - IDEM. Ibidem. p. 62.

*Luiz Gonzaga, Jararaca e Ratinho, Malba Tahan, Eva Todor, Monteiro Lobato, Djalma Maranhão (ex-prefeito de Natal); Waldemar Henrique (Conhecido compositor Brasileiro), João Café Filho, Sylvio Piza Pedrosa (ex-prefeito e ex-governador)”.<sup>61</sup>*

As assinaturas nas paredes da Biblioteca demonstram como sua casa se transformou em um lugar de peregrinação obrigatória para as pessoas ilustres que visitavam a cidade. Conhecer e desfrutar da intimidade de Cascudo era símbolo de status para quem passava por Natal. As assinaturas dos visitantes deixadas em suas paredes permitem observar a importância dada a esse espaço por quem ali entrava. As grandes personalidades que tinham permissão de entrar na intimidade de Cascudo, e, em contrapartida, deixavam marcadas suas presenças no santuário do escritor.

Contra a parede repleta de registros de sua personalidade pública, ficava a cadeira que pertencera a seu pai, presença agora ausente, mas sempre forte no universo privado de suas lembranças pessoais, o homem rico que fizera todas as suas vontades na infância e na adolescência e cuja falência sempre foi uma ferida aberta e exposta em suas recordações pessoais.

**A cadeira que pertenceu ao pai  
de Câmara Cascudo, conservada  
em sua biblioteca pessoal.**

**- Natal – RN -**

---

<sup>61</sup> Gildson OLIVEIRA. Op. Cit. p.100.



É a primeira peça que mostra a Carlos Lyra, e a descreve assim:

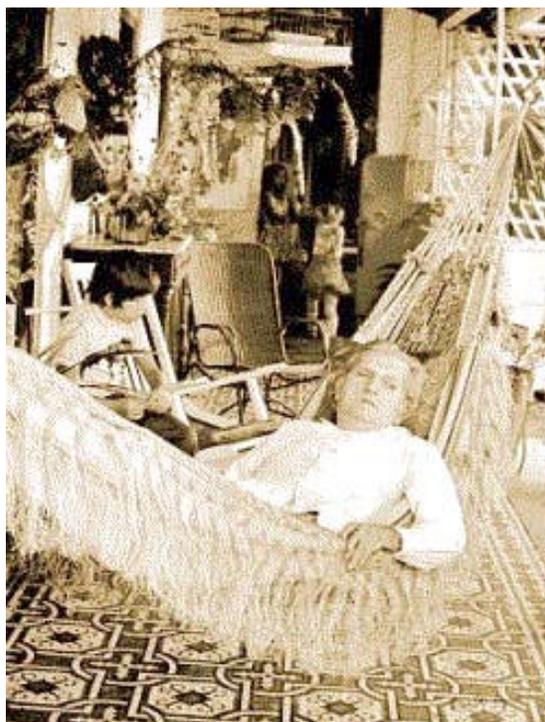
*“Junto à janela, a velha poltrona de meu pai, onde ele costumava sentar, feita ainda na antiga tração Força e Luz, pelos operários. Quando ele faleceu, em 1935, meu sogro passava longas temporadas em nossa casa, na praça Sete de Setembro, onde faleceu, numa casa que não existe mais. A poltrona passou a ser de meu sogro, e hoje, minha, onde faço a revisão nas idéias mais atrevidas, acomodando-as ao diário.”<sup>62</sup>*

Guardada pelo cangaceiro que Dorian Gray – o potiguar - pintou nas portas que lhe dão acesso, repleta de símbolos que expressam seu universo pessoal, a biblioteca é uma metáfora de seu mundo. E no mundo da biblioteca de Cascudo seus objetos possuem uma dupla significação de relíquia e de sentimento. Tanto os desenhos, brinquedos e retratos dos netos como as estimadas imagens de madeira, tudo ali está revestido de um forte valor sentimental para o escritor que se cerca deles em seu momento mais íntimo, as

horas de trabalho. São objetos biográficos tanto quanto seus livros memorialísticos.

O vestíbulo de entrada e a biblioteca são os espaços em que estão expostas as relíquias de Cascudo, partes constituintes de sua identidade como intelectual e homem público e, que estão organizadas dentro de seu universo privado, a casa da família. Porém, existe uma outra parte dessa mesma casa que é exclusiva para a família e os mais íntimos, e impõe um certo limite entre esse espaço destinado a sua memória e culto como homem público e a vida familiar. São os quartos, a cozinha, o alpendre onde Cascudo estendia sua rede, e as dependências de empregados externas à casa, nos fundos do quintal.

**Luís da Câmara Cascudo na rede,  
armada no alpendre de sua casa.  
Atrás, seu neto Newton.  
- Natal – RN-**



Uma pequena sala que dá acesso aos quartos da casa separa os dois ambientes. A partir desse lugar, os ornamentos da casa mudam e, ao invés de quadros de pintores nordestinos, retratos do importante círculo de amizade do

---

<sup>62</sup> - Luis da Câmara Cascudo. Entrevista a Carlos Lyra em 6/12/1974. IN Carlos LYRA. “Cascudo e sua Biblioteca” Op. Cit. p. 59.

escritor e das assinaturas da biblioteca, um outro ambiente começa a se desenhar, um espaço vedado ao público e destinado à privacidade da família começa a ser revelado. Nas paredes, o visitante verá apenas retratos do casal, de seus filhos e netos. Os quartos, pequenos em relação à sala ampla, ao vestíbulo e a biblioteca, revelam um ambiente simples e austero no qual se desenrolava o dia a dia da família Cascudo.

As assinaturas deixadas pelos visitantes nas paredes, os retratos de personalidades importantes com as quais Cascudo mantinha estreitas relações, os quadros de pintores da região nas paredes da grande sala que serve simultaneamente de salão de estar e sala de jantar, as placas de reconhecimento do estado e das instituições letradas da cidade, sua coleção de medalhas e condecorações guardadas cuidadosamente em uma vitrine na sala e que exibia orgulhoso aos visitantes, organizam a pauta sobre a qual se constrói uma memória que identifica Cascudo como o maior intelectual de Natal.

Como propõe Gilberto Velho no artigo intitulado *“Memória, identidade e projeto”*,

*“o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade.”*<sup>63</sup>

O que se quis aqui demonstrar, ao analisar os dois principais *lugares de memória* legados por Câmara Cascudo ao futuro, está longe de ser que a ação edificadora da própria memória empreendida por Luís da Câmara Cascudo e que leva a sua monumentalização ainda em vida se inscreve em um projeto maquiavélico, intencional, previsto e construído pelo autor, uma vez que Gilberto Velho adverte em seu texto,

---

<sup>63</sup> - Gilberto VELHO. *Memória, identidade e projeto* IN *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p.101.

*“Não pretendo(...) trabalhar com a idéia de um indivíduo-sujeito cognitivo racional, capaz de armar estratégias e fazer cálculos, organizando seus dados e atuando cerebralmente.”<sup>64</sup>*

Na esteira das reflexões sobre a complexa relação entre memória e história, o objetivo que presidiu esse trabalho foi o de fazer um exercício com os dois espaços memorialísticos mais significativos de Câmara Cascudo em Natal, relacionando-os, por um lado, com a cidade e sua cartografia física e simbólica e, por outro, com a monumentalização de Luís da Câmara Cascudo na cidade.

Uma vez que a construção de sua identidade organiza sua memória pública e privada, e os limites entre esses dois universos são extremamente porosos, nos dois espaços analisados, o Memorial e sua casa, mostram os intrincados caminhos que sempre levam a encontrar, de muitas e diferentes formas, Luís da Câmara Cascudo erguido pelas mãos do povo em praça pública.

---

<sup>64</sup> - IDEM. Ibidem. p.101.



**Luís da Câmara Cascudo**  
**- Natal – RN –**

## **Bibliografia**

- BARRETO, Ana Maria Cascudo. **O Colecionador de Crepúsculos**: Fotobiografia de Luiz da Câmara Cascudo. Brasília: s.e., 2003.
- BETI, Mariana Giardini. **As águas vivas da memória**. A memorialística de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: PUC-Rio - Departamento de História, 2004. (Monografia de bacharelado e licenciatura, mimeo).
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003. (5ª edição).
- BRESCIANI, Maria Stella. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: Robert Moses PECHMAN (org). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir**. Uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRN, 1983. (2ª edição).
- \_\_\_\_\_. **História da cidade de Natal**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/Prefeitura da cidade de Natal, 1999. (3ª edição)
- \_\_\_\_\_. **Os nomes da terra**. Natal: Sebo Vermelho, [2002].
- \_\_\_\_\_. **Locuções tradicionais no Brasil**. Coisas que o povo diz. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia/Edusp, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Contos tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / EDUSP, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Martins Fontes, 1965. (3ª edição)
- \_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte / São Paulo, Editora Itatiaia / EDUSP, 1988.
- \_\_\_\_\_. **História dos nossos gestos**. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / EDUSP, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Gente viva**. Recife: Editora da UFPE, 1970.
- FEBVRE, Lucien. Vers une autre histoire. In:\_\_\_\_\_ **Combats pour l'Histoire**. Paris: Armand Colin, 1953.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In:\_\_\_**Mitos, Emblemas,sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- HOLLANDA, Sergio Buarque de. O sementeiro e o ladrilhador In:\_\_\_\_\_ **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. (13ª edição)
- KAMMEN, Michael. **Mystic cords of memory**. The transformation of tradition in American culture. New York: Vintage Books, 1993.
- LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: **Memória – História**. *Enciclopédia Einaudi – volume 1*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- LEITE, Daliana Cascudo Roberti. Biografia In: **Memorial Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, s.d.
- LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo**. Um brasileiro feliz. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.
- LOWENTHAL, David. How we know the past. In:\_\_\_\_\_ **The past is a foreign country**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1985.
- LYRA, Carlos. Cascudo e sua Biblioteca. In:\_\_\_\_\_ **Luís da Câmara Cascudo**. Depoimentos. Natal: EDUFRRN, 1999.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. A moeda colonial In:\_\_\_\_\_ **O tempo saquarema**. São Paulo: Huicitec, 1987.
- MEDEIROS, Maria de Fátima. **Natal**. Patrimônio histórico e cultural. Natal: Medeiros e Fuly Editora, 1999.
- MELLO, Luiza Larangeira da Silva. **O gorila, o homem e o robô**. A tensão entre tradição e progresso na obra Luis da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: PUC-Rio-Departamento de História, 2002. (Monografia de bacharelado e licenciatura, mimeo)
- NORA, Pierre. *Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux*. In \_\_\_\_\_ (org) **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1986. (vol. 1).
- OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo**: Um homem chamado Brasil. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.
- PAIVA, Tatiana Moreira Campos. **Luis da Câmara Cascudo**: Um historiador Clássico? Rio de Janeiro: PUC-Rio - Departamento de História, 2003. (Monografia de Bacharelado e Licenciatura, mimeo).

- POMIAN, Krzysztof . Coleção. In **Memória – História**. Enciclopédia Einaudi – *volume 1*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- RAMA, Angel. **A cidade das Letras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto In:\_\_\_\_\_ **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.